

O REGIME DE FOME

O novo regime do pão, aquele que criou os dois tipos ao preço de 2560 e 2500, respectivamente, pode considerar-se com inteira justiça o regime de fome.

Na curta vigência deste regime duas inconveniências se assinalaram: a falsificação do diagrama e o descarado roubo no peso do pão.

Do pão de segunda, daquele pão que o decreto do sr. António Marang da Silva estabeleceu a preço de 2500 em quilo já dissemos tudo num artigo recentemente publicado: é um tipo de pão que só dêle aproveita a Companhia Nacional de Alimentação.

Aproveita porque o pão que hoje custa 2500 é igual em qualidade ao pão que no extinto decreto custava 1880. Aproveita ainda porque o reduzido número de quilos de pão fabricado para ser vendido por aquele preço é insuficiente para as necessidades de consumo, o que determina a procura do pão de primeira qualidade, isto é, do pão de 2560.

Logo onde houve vantagem para o público com o estabelecimento dos dois tipos do pão?

Com o regime anterior o público ainda tinha o recurso do pão de 2520 quando faltasse o de 1880. Agora nem esse recurso já existe. Quando falta o pão de 2500, o público tem ante os seus olhos o seguinte dilema: ou não come pão ou paga-o a mais de 2560 o quilo!

Sim, porque se o que concerne ao estabelecimento dos dois tipos é merecedor da nossa crítica, o que diz respeito ao peso tem igualmente que ser escalpelado por nós.

Em algumas padarias, nos últimos dias, tem aparecido à venda pão em condições acima referidas e ainda por cima roubado no peso. O roubo tem sido tão descarado que a Associação de Classe dos Manipuladores de Pão já veio a público apresentar os seus protestos contra a extorsão.

No entanto parece que vivemos no melhor dos mundos: o governo e as entidades competentes manifestando uma crassa indiferença pela saúde e direitos do povo, o público não ligando importância à sua situação e dando a perceber aos seus algozes que vive bem, que vive melhor do que nunca.

E por ser esta a dura realidade os moageiros, os industriais de panificação encorajam-se e prosseguem na sua triste missão: envenenar o público e arrancar-lhe a camisa ainda por cima.

Esta é a situação que o decreto mostro de António Marang da Silva criou e alimenta a pesar das suas inconveniências. Esta é a situação especial criada aos industriais de padaria, aos moageiros e a toda essa caterva de bandidos que vivem das migalhas dos que trabalham.

Dessa situação apenas a Moagem, que o público se habituou a conhecer pela designação de Companhia Nacional de Alimentação aproveitou e continuará a aproveitar.

Que o pão de 2500 seja falsificado no diagrama, que o pão de 2560 seja roubado no peso, que o público não possua o pão de tipo mais barato—que importância tem isso para os *estatistas* como António Marang da Silva!

A sua alta categoria está acima dessas pequenas coisas, está muito acima de todos os interesses do povo, está colocada onde deve estar: na defesa dos interesses de António Marang da Silva.

Rendimentos dos operários

NEW-YORK, 11.—Em consequência da explosão da galeria n.º 5 das minas de Crabrochard, na Virgínia ocidental, foram já retirados 11 cadáveres. Oito mineiros continuam emparedados, fazendo-se todos os esforços para os salvar. Os restantes nove foram salvos.

Pela sua grande violência a explosão fez-se sentir na galeria n.º 6, tendo sido imediatamente salvos todos os mineiros que constituíam a brigada de trabalho, devido à rapidez dos socorros.

Ao contrário da restante imprensa, a BATALHA continua a ter muito que dizer sobre o escândalo Angola e Metrópole—Banco de Portugal. Inibida de o fazer hoje, por absoluta carência de espaço, fa-lo-á amanhã, publicando em artigo importantes revelações.

A INVASÃO NEGRA

A reacção em Torres Novas é uma lepra que corroe tudo que tente opor-se-lhe

(Do nosso enviado especial)
TORRES NOVAS, 10.—Último dia, últimas impressões... Os cevados tristes da reacção não têm outra preocupação que não seja a de meter dentro da igreja todas as pessoas que dela andam desavindas. E para conseguir que toda a gente volte às superstições católicas e se submeta à orientação da padralhada não olham os meios: todos lhes servem, mesmo os piores, mesmo os mais repugnantes... Presente-se a existência dum plano tenebroso: reacção para o país, fazê-lo recuar rapidamente até aos tempos em que todos, povos e reis, eram vassallos e servos da igreja. E a actividade nervosa, frenética, epiléptica em que eles se lançaram, as conquistas formidáveis que têm coroado os seus esforços, revelam bem que estamos diante dum perigo terrível, dum perigo que urge encarar de frente, a não ser que se pretenda viver num regime teocrático...

Os reacçãoários desta vila podem sentir-se orgulhosos com a sua obra, visto que Torres Novas, excepção feita a meia dúzia de consciências livres que merecem a nossa simpatia pela sua corajosa independência, lhes caiu, inteiramente, nas mãos.

A acção perniciosas das damas católicas

A Liga de Acção Social Cristã é uma das agremiações católicas que maior actividade têm desenvolvido. A acção desta colectividade é exercida, principalmente, por senhoras, predominando nela uma fanática de nome D. Justina Dias Rosa e a mulher do dr. Carlos Mendes que é uma criatura riquíssima, cheia duma adoração obsecada por todos os assuntos de interesse do clericalismo.

A Liga compõe-se de damas bem jantadas, bem vestidas, bem vividas que têm tempo de sobejo para «trabalhar» na bestificação da população e que fazem da religião uma voluptuosidade esquisita e perversa e um sport delectante.

Estas damas arrebanham crianças para uma escola que funcionava a princípio em casa do dr. Carlos Mendes e que funciona agora numa casa pertencente ao abastado sr. João Baptista Vassalo. Nesta escola a instrução não passa dum pretexto: o verdadeiro fim não consiste em ensinar crianças a ler, mas sim metê-las nas igrejas, obrigá-las às rezas e a decorarem o catecismo. E num país em que é proibido o ensino religioso esta escola funciona livremente, sem que ninguém, em nome dos interesses e dos direitos da infância, intervenha a pôr còbro a esta obra de deformação física e moral.

Esta Liga distribui também uns trapos anualmente a crianças pobres—a crianças cuja pobreza é da autoria dos reacçãoários que lhes exploram desumanamente os pais, pagando-lhes salários irrisórios.

As beatas da Liga de Acção Social Cristã invadem todas as casas pobres, prometendo toda a espécie de auxílios e recom-

pensas desde que as pessoas que nelas residam se prontifiquem a casar-se pelas igrejas e a baptizar religiosamente seus filhos. Estas hipócritas valendo-se do seu dinheiro e partindo do princípio de que o vil metal é uma força corruptora, insistem teimosamente junto de famílias operárias, principalmente junto das mulheres, para conseguirem seus fins.

Ódio de padre não cansa

Há nesta vila um merceiro cujo pai era muito conhecido pelas suas opiniões anticlericais, nada tendo conseguido durante a sua vida aqueles que pretendiam que ele abdicasse das suas convicções rasgadamente anti-religiosas. Essa criatura quando se encontrava no leito agonizante foi procurada por um dos padres da terra que o torturou ao máximo, na esperança de que ele atemorizado pela morte que sabia próxima se convertesse a uma religião secularmente manchada por toda a espécie de infâmias e de crimes. Porém, todos os seus esforços resultaram inúteis: o moribundo manteve-se com firmeza dentro dos seus princípios.

Apesar disso o padre não teve pejo em ir dizer para a família que ele se tinha convertido e que tinha pedido, após a sua conversão, que sua família se arrependesse também do desprezo que manifestava pelos padres e pela igreja do denominado Deus dos católicos.

Isto prova bem a falta de escrúpulos dos padres desta vila, que nem os moribundos poupam, aproveitando-se dum momento que é respeitável e sagrado mesmo para o pior dos criminosos só para realizarem uma especulação mesquinha e vil.

Morreu há tempos uma criança pertencente a esta família, tendo sido deliberado que o seu funeral fosse civil. Os padres juraram uma desforra: como naquele dia havia três funerais religiosos, conseguiram que eles se encontrassem todos num determinado ponto. Seu maquiavélico plano logrou efeito e então eles, quando os funerais iam mais ou menos juntos, arranjaram uma confusão de modo que o funeral civil abria a sua marcha com um padre e encerrava-a com um outro. E depois espalharam que não tinha havido tal funeral civil, visto que ele em vez dum padre levava dois. Isto é bem significativo de que os razeiras não têm o menor respeito pela vontade e pelas consciências alheias.

A reacção nesta terra é uma lepra que corroe tudo que tente opor-se-lhe. Os operários estão desorganizados devido à vontade omnipotente dos clérigos que conseguem introduzir nos sindicatos pobres inconscientes que eles manobram e que procedem a seu belo talante. O resultado é que nesta vila, bastante industrial, o movimento operário nem uma realidade desoladora chega a ser.

Notas & Comentários

Conto do vigário?

O Alto Comissário de Moçambique afirmou que os prejuízos sofridos com a greve de Lourenço Marques são computados em 10.000 libras, facilmente compensados com a economia de 9.000 contos que deixaram de ser pagos aos ferroviários em greve. Não compreendemos muito bem como se possa encontrar compensação aos prejuízos sofridos com a anormalidade do preço e a desordem dos serviços. Mas sabemos que ao ministério das Colónias foi pedido o pagamento de cerca de 6.000 libras referentes às despesas feitas com o transporte de guerra Gil Eanes, cuja tripulação anda furando a greve. Digam-nos agora onde se vão buscar as compensações desta despesa...

Remédio de salvação

Um radical autêntico deu ontem uma entrevista sensacional. Por ela sabemos que os radicais vão levar as lampas aos nacionalistas no zumbimento de costados amigos, e que o sr. Veiga Simões se scinda do partido e vai formar outro com os solícitos e concordes domésticos do hotel que habita. Seria mais um raio do vigoroso chefe radical que em Lisboa já percorreu Berlim, Buenos e Varsóvia. O mesmo radical entrevistado defendeu ainda uma ideia luminosa: fazer com os agrupamentos esquerdistas, radicais, socialistas e comunistas, todos eles minúsculos, não já um bloco, mas o calhau das esquerdas.

Um negócio de sucata

Não há como os ingleses para fazer negócios. Porque querem juntar oito navios de guerra novos à sua «invencível» armada, lembraram de propor ao governo que felizmente nos rege a venda de oito navios antigos que para nada lhes serve. A sucata sempre foi um belo negócio para a Inglaterra, que sabe impingir aos povos amigos, protegidos e aliados o que para nada lhe presta. Esplendidos! Esplendidos! dirão os patriotas quando, do Alto de Santa Catarina, admirarem imbecilmente essas oito canoas artilhadas que tão caro vão custar...

Comemorando uma feliz iniciativa

É uma verdade incontroversa que a feliz iniciativa daqueles rapazes que formam a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs veio revolucionar os serviços de viação urbana. Antes do aparecimento dos *Citrões*, esses *palhinhas* que passam velozes ante nossos olhos, viajar num automóvel era privativo dos homens de muito dinheiro.

Há seis meses—fez anteontem—que a cidade de Lisboa foi beneficiada com esse importante melhoramento que são os «taxis». Comemorando essa data, um grupo de «chauffeurs» da Cooperativa Lisbonense promoveu uma ceia de confraternização, a qual teve lugar anteontem no Restaurante Bacalhau, em Bemfica.

Nesta modesta festa tomaram parte cerca de 100 convivas, entre os quais se encontravam os camaradas Albano Rodrigues Pinheiro e António dos Santos Coelho, delegados da Associação de Chauffeurs do Norte de Portugal; José de Almeida, da Cooperativa dos Catraieiros; Salvador Lago, da Cooperativa dos Fragateiros e os membros da direcção da Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs.

Durante a ceia, que decorreu na mais franca intimidade, trocaram-se entusiásticos brindes de saudação aos «chauffeurs» do sul e norte de Portugal, a todo o operariado em geral e ao nosso jornal.

Em favor dos presos sociais foi leiloadada uma flor que rendeu 600\$00, importância que foi coberta em partes iguais pelas Cooperativas: Lisbonense de Chauffeurs, dos Fragateiros, dos Catraieiros. Para o mesmo fim promoveu-se uma quete entre os assistentes a qual rendeu 250\$00.

Também deram o seu concurso à festa fazendo ouvir as suas melhores produções os conhecidos cultivadores da canção nacional Jílio Prouça, Pedro Rodrigues, Abel Zambujo, Lino Ferreira, António Lado e José Gonçalves que foram acompanhados pelos guitarristas Salvador Freire e Agostinho Silva e pelos violistas Georgino de Sousa, Abel Negrão e Carlos Silva.

Comissão de agitação anti-fascista

Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão de agitação anti-fascista.

A consagração do despotismo na Espanha negra

O avião «Plus Ultra», fendendo os ares, atravessando sob o céu do Atlântico, desde o pórtico de Palos a Buenos Aires, despertou em Espanha os mais baixos instintos da plebe. As multidões inconscientes, submersas no lodagal das paixões, do vício e da miséria, tiveram explosões de berreiro e entusiasmo.

A Espanha histórica, com igual algazarra e escândalo, que outrora aclamava os inquisidores que torturavam e escarmentavam os herejes, mouros e judeus, vai agora elevando ao cume da mediocridade a proeza dos aviadores Franco, Rada, Ruiz de Alda e Duran. É um sinal dos tempos.

É a mesma multidão que vai aos espectáculos bárbaros e que na praça de touros exige do toureiro mais valentia, impulsivamente o para a morte. Gosa com a vista do sangue vertido dum cavalo estripado. Clama furiosamente: «Cavalos! Mais cavalos!» Arroja à cabeça do dominador de reses bravas, almofadas, garrafas, vasos, etc., além dos improperios, insultos e palavrões que acompanham a sua acção.

Foi esta multidão que, nos dias inquietos de derrocada política, de sossobramento das liberdades, ergueu a quarta potência do frenesi patriótico.

A maleabilidade metálica da alma espanhola é a ligeira consequência do seu atraso e da sua incultura. Bastará que se relate um episódio para demonstrar o misterioso fanatismo da raça espanhola. Sessenta por cento da população é analfabeta, sessenta por cento que não sabe ler, nem escrever, nem possui a menor intuição racional. Ignorância e trevas de impossível perscrutação formam a grande massa da nação espanhola. Por isso, essa nação oscila nas suas atitudes e nos seus movimentos com a mesma monotonia da pêndula dum relógio. Não tem pulso, carece de nervos, é apenas um corpo inerte.

O espanhol é um velho caído na senilidade. Não é uma velhice de anos, é uma velhice de ideias, de conceitos, no infinito do cosmo intelectual. As energias mentais do espanhol não foram ainda retemperadas. Todavia, nutrem-se de seiva medíocre. Por isso, o espanhol de hoje tanto se confunde com o espanhol da idade média. O mesmo fervor religioso, o mesmo desdém pela análise, a mesma indiferença pelo idealismo. No sentido colectivo, pouco avança.

Assim, num rasgo de sinceridade, o povo espanhol mostrou aos olhos perscrutadores dos universalistas que carrega o lastro de atávicos preconceitos, levando em si a reminiscência do fervor católico das antigüíssimas épocas.

A expedição do «Plus Ultra» teve a virtude de colocar sobre o tapete, como palpitante questão do dia, todo o fetichismo que anima as sombras cavernárias das gentes idólatras, incapazes de compreenderem um sentido novo da vida. É esta endemia que assola os habitantes de Espanha, erguendo-se, ante a nossa indignada consciência, e na mente nacional, uma estátua ao espírito tradicionalista que animou e deu êxito à proeza aérea Espanha-Argentina.

A astúcia do Directório Cívico Militar

Logo que nos detenhemos numa análise da política de nove indivíduos que, constituindo um governo, atiram a Espanha para o caos, compreendemos que o Directório faz do *Príncipe* de Maquiavel a sua bíblia. Isto é negável. Não tem discussão. Os homens do Directório, maus, perversos, astutos, mantêm a Espanha numa quebra de valores económicos e morais.

A bancarrota social, que a nação vem suportando, acentuou-se sob o actual governo de maneira desesperada. A hecatombe aproxima-se. Ou desapareceremos sob as nossas próprias ruínas, ou resurgiremos para uma moderna existência, completamente emancipada. Decidirão os homens livres da Ibéria.

O Directório Cívico-Militar, que predomina, perdeu todo o seu prestígio. Com seus desacertos de toda a hora criou uma inimidade que por toda a parte se manifesta. Política e financeiramente caminha aos pontapés, caindo de erro em erro.

Ultimamente a Câmara Mercantil de Madrid insurgiu-se contra a política económica seguida pelo ministério da Fazenda e patrocinada por todo o governo.

Para conjurar todos os inúmeros perigos que o ameaçam, o governo espanhol, que adora o *Príncipe* de Maquiavel, não sabe que pôr em prática, e é em vão o seu empenho de ganhar as simpatias do povo. Inspirando-se nas doutrinas de Maquiavel, os ditadores têm dito ideias interessantíssimas...

Concedem indultos falsos, como escárnio à nossa dignidade. A excepção de quatro histriões e duma pandilha de militares que só reside nos presídios, porque rouba ou desfalca os fundos regimentais, ninguém se pode aproveitar das amnistias. Muitos elementos operários e avançados estão presos anos consecutivos, vítimas da suspensão de garantias, sem julgamento, sem a *humanitária* protecção de Rivera e consortes. Os facinorosos seguem o exemplo de Penelope: fiam e desfiam a liberdade dos espanhóis, tomados de cruel insânia.

Uma bela ideia foi, portanto, a travessia aérea Palos-Buenos Aires. Concebeu-a e pô-la em prática o governo para provocar o delirante frenesi do povo incauto. Buscava assim uma consagração para o seu despotismo, que supõe ilustrado. Conseguiram, é certo, um êxito parcial. Embriagando de patriotismo o povo, despertando-lhe a emoção dum faanha em perspectiva, iniciada e rodeada de perigos, não atingiu, entretanto, a culminância do êxito que fosse o altar do valor e da temeridade onde se incensasse a glória pátria, projectando a legenda histórica das aventuras no Novo Mundo.

A política geral do Directório sofre dos mesmos vícios e defeitos em que, outrora, incorreram os Reis Católicos. A exacerbação clerical, a submissão de regiões à meseta castelhana, a perseguição dos heterodoxos, o recrutamento do dolo aos fi-

A PROVÍNCIA DE ANGOLA

A violência e o arbítrio tripudiando sobre todos os direitos e leis

Os direitos de todos os portugueses estão taxativamente previstos e assegurados nas instituições vigentes do país?

Assim no-lo diz e garante a Constituição Política da República; a teoria, porém, não obsta a que a prática nos leve a tomar a Constituição por *Bíblia da Mentira*, sumário do *Código do Arbítrio*.

E quem nos leva a um tal conceito? Os que são mandados, ou que, como carneiros ao pastor, se submetem àqueles que estão investidos de poderes para, directamente ou por intermédio de *sub-autômatas*, executar e fazer cumprir as leis?

Não, a mentira é-nos claramente revelada por todo o agente da autoridade, sempre munido do *Código do Arbítrio*.

O indivíduo a quem se confere o direito de ordenar, de impor, não age em nome da Sociedade nem do Direito; para ele a única lei, o único direito, é a sua suprema vontade, que impõe na sempre considerável latitude da esfera de acção em que volutivamente procede.

Os que vêem, como nós, a Sociedade organizada num desnivelamento absoluto—crime criminoso, dizem que as leis, sendo absurdas, iníquas e criminosas, são a regulamentação do *Crime Social*, tendo a velar pela sua observância todos os elementos da sociedade autoritária, desde o legislador ao polícia, todos exercendo as suas funções em nome e conforme a vontade da Sociedade.

Assim é: um deputado que no Parlamento palra com toda a sua eloquência, hoje, amanhã, até entusiasmar os seus colegas e os levar à aprovação de projectos e leis assassinas; um juiz que impõe, por *direito*, uma condenação bárbara, monstruosa; um governador civil que ordena prisões e se declara *proprietário* das ruas e passeios dum cidade inteira, sempre a pretexto de restabelecer e assegurar a tranquilidade pública; um chefe de polícia que enche as esquadrões e calabouços do Governo Civil de trabalhadores honestos, obrigando-os a permanecer tempo infinito nessas aljufas nauseabundas enquanto as famílias, devido à falta de labor dos encarcerados, se debatem na agonia da mais deprimente e lamentável miséria; um polícia que espanca a sua própria mãe, pondo em prática o seu depravado instinto de besta; um guarda republicano que prende, viola, rouba e mata uma donzela, como há anos sucedeu no concelho de Vila Verde, distrito de Braga; um chefe de repartição que persegue o seu subordinado; altos funcionários que participam como sociários, dos lucros de grandes empresas; altos comissários que se consideram senhores absolutos das colónias; políticos que são a ruína dum país inteiro—todos estes indivíduos agem, cumprem a sua missão, desempenham o seu papel, exercem as suas macabras funções em nome da Sociedade.

Estas entidades são a camada social imperativa; obrando assim, eis a vontade, eis o procedimento dos agentes da autoridade, formando à vontade, manifestando o proceder colectivo da sociedade dominadora. Mas estes agentes autoritários-dominadores, não se julgam, nem querem, cumprir uma missão em nome da sociedade que retira dos cofres, onde repousa metalizada e fechada a mil chaves, a miséria pública para lhes remunerar a sua função perniciosa; cada um se julga absoluto e se impõe numa latitude tanto mais ampla quanto até onde lhe foi possível demonstrar que domina, que promove, que impõe a obediência, o cumprimento da sua vontade.

A Lei da Imprensa reconhece a todo o cidadão, sem admitir condição de categoria ou posição social, pleno direito a apreciar e criticar os actos do governo, doutrina dos diplomas vigentes, a administração pública, os interesses particulares colidindo com os do Estado, o procedimento das autoridades, etc., desde que a crítica tenha em vista evitar que subsistam erros e se perpetrem arbitrariedades.

lhos da Meia Lua, até a aventura à América, tudo isto é uma herança morbosa dos monarcas inquisidores que revivem no governo actual e gravita sobre os interesses da nação.

Essa expedição aérea à Argentina fez que os espanhóis se esquecessem dos seus direitos e das suas liberdades, de que foram esbulhados há tanto tempo, mas com maior descaramento e crime desde 13 de setembro de 1923.

Individualidades conscientes

Nem tudo é amorfo sob o sol que aquece a Espanha. Em meio da charanga patriótica, sobre o ensurdecido tumulto popular, cidadãos há que sabem da sua consciência. Há aqui homens que possuem ideais renovadores e progressivos.

O exímio escritor Gabriel Alomar, como tantos outros de seriedade intelectual, ergueu a sua voz harmónica para censurar a apatia e o obscurantismo dos seus concidadãos. Perante os ébrios entusiasmos do momento, Alomar entou um novo e vibrante canto à Liberdade. Unicamente lutando pela Liberdade, disse, os povos poderão ser dignos.

As vozes desta Espanha revolucionária perder-se-ão no nosso páramo civil? «Vox clamantis in deserto»? Não! A voz vibra, varonil, reflectindo o estudo e a luta em prol duma Espanha melhor, ao menos uma democracia que não clame no deserto. Temos a convicção dum pronto renascimento libertário na península ibérica.

Artemis MINERVA

Em França

A primeira reunião do novo ministério

PARIS, 11.—No conselho de gabinete ontem realizado foram traçadas as linhas gerais da declaração governamental do novo ministério, a qual será apreciada no conselho que se reúna antes da apresentação ao parlamento.

Mas qual o funcionário que usa de tais direitos preestabelecidos?

Não tomam os ministros, governadores, altos comissários e chefes de repartições, conhecimento do que a seu respeito, sobre os seus actos, se publica na Imprensa?

Não têm, todos eles, os seus polícias secretas, diligentes *marconis* de ouvido alerta pelos cafés, hotéis, cervejarias, tabernas, repartições, por todas as ruas e passeios, cantos e esquinas?

Não recebem informações extra e oficiais, em cartas anónimas e firmadas, nas confidências e nas *audiências de Juvenília*?

Se é perigoso apreciar, criticar, simplesmente falando, escrevendo, lançar mão da Imprensa é uma falta de disciplina, de respeito e obediência às determinações *sempre legais* dos superiores hierárquicos; é falta de patriotismo porque, tudo quanto a autoridade superior fizer deve considerar-se bem feito. É falta de patriotismo porque, tudo que dimanar da entidade superior, é a bem da Pátria e da República, do bom nome português e do público...

As elites autoritárias personificam o patriotismo, ditam as leis e portanto cumprem aos subordinados o dever de acatar, sem discussão, de obedecer cegamente a tudo quanto lhes foi imposto, de receber e propagar como sábio, útil, benéfico e humano tudo quanto for obra dos legítimos superiores autoritários.

Romper com tal cobardia, mesmo oculto no anonimato do pseudónimo, é raro; revoltar-se com energia, dignamente, com ombriedade, dizendo como se chama, quem é, onde mora, é raríssimo.

Se o que procede toma a responsabilidade do seu procedimento, inteira responsabilidade moral e jurídica dos seus actos...

Mas que responsabilidade, se lhe não exigem, se lhe pedem é uma burla e mesmo que não seja um pró forma quasi nunca se reparam os péssimos efeitos de factos consumados nem se conseguem, muitas vezes, a reabilitação moral e material do lesado nos seus interesses e ofendido na sua dignidade?

Porque um funcionário de baixa categoria, qualquer um subordinado, não pôde ou não soube cair na simpatia do seu chefe, porque não enche o seu superior do clássico e distintivo *V. Ex.*, não se coloca na posição de sentido quando fala com ele, não o cumprimenta nem se levanta sempre que o veja passar nem que seja a um quilómetro de distância, é mal visto, é perseguido. Por entrar um minuto mais tarde, por não ter comparecido no trabalho em virtude de se encontrar doente; é indisciplinado, pouco zeloso, incompetente, inconveniente ao serviço, à disciplina e aos interesses do Estado.

A pretexto de nada, um castigo desmesadamente severo ou totalmente injusto, depois outro, e ainda mais outro.

Que o funcionário tem recurso do procedimento do seu chefe para as esferas oficiais superiores e que pode interpor recurso para o Conselho Colonial?

Mas qual o funcionário que tem a *ousadia* de se queixar do seu superior e qual a entidade oficial para quem apelar que decida a causa contra o superior do queixoso?

Quantos meses tem de esperar pela decisão dum recurso que interponha para o Conselho Colonial, e sendo o último *veredictum* dado em harmonia com as informações fornecidas pelos que motivaram o apelo, o que pode esperar do recurso?

Se o funcionário tem ombriedade e sem cobardia luta para que lhe façam justiça, se estiver exercendo funções em Loanda, será imediatamente transferido para o extremo da província, lá para a Lunda ou para o Cunene. Sofrer e calar, sob pena de consequências ainda mais graves, que podem ir até à demissão, e ainda independentemente de procedimento criminal.

Obra de Norton de Matos, de Rêgo Chaves?

Vamos lendo; estamos no princípio. Correia de SOUSA

A assembleia geral da Sociedade das Nações

O grande problema

GENEVA, 11.—Pela comissão política da assembleia geral da Sociedade das Nações, presidida pelo sr. Chamberlain, foi considerada a Alemanha em condições de ser admitida como membro da Sociedade, em face do parecer elaborado pela sub-comissão encarregada do respectivo estudo.

Calcula-se que na sexta ou sábado, os delegados alemães deem, pela primeira vez entrada na sala das sessões.

As ambições de Inglaterra

GENEVA, 11.—O sr. Chamberlain, delegado e ministro dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra, conferenciou ontem com os delegados dos Domínios Britânicos, sobre os problemas coloniais.

Os delegados dos Domínios mantiveram-se no seu ponto de vista, declarando que continuarão firmemente na sua oposição ao alargamento do conselho executivo da sociedade, no presente momento, além do lugar permanente solicitado pela Alemanha.

Verborreia e mais verborreia...

GENEVA, 11.—Os srs. Luther, Stresmann, Chamberlain, Boncour, Vandervelde e Scialoja conferenciaram ontem durante largo tempo.

Segundo se afirma nos círculos da Sociedade das Nações, estas conferências continuarão hoje com o sr. Briand.

Maus preságios

PARIS, 11.—Os jornais não mostram grande entusiasmo pelo novo gabinete, que um deles chega a intitular «ministério de Genebra».

CARTA DO PORTO

A Junta Radical da Sé vai adquirir um relógio de trinta contos para uma igreja

A pesar de toda a «boa vontade» governamental em pretender extinguir o horrível, sarcástico da miséria, as crônicas desta especialidade inseridas nos jornais vêm pejudicando de irreversíveis pedidos de socorro para miseráveis que fenece a mimica e absolutamente abandonados dentro dos seus desolados cascos.

O popularíssimo bairro da Sé sobressai-se nesta miséria pelintra produzida pelo desregramento duma sociedade vilmente desgarrada.

No entanto, para que esta pungente realidade económica, para que este aleijado social seja um tanto anodado nos seus tristíssimos efeitos, vai-se dotar a catedral da Sé com um vistoso e iluminante relógio de corda musical, isto é: com carrilhão executor de alguns trechos sonantes...

Esta preciosidade relojoeira com que se vai ornar, por subscrição pública, o alto da torre catedralícia, não parte da iniciativa do ex.º prelado, nem sai do pedestal interior do cabido — o que se tal se desse não seria para surpreender ninguém, visto que tratavam de adquirir mais um traste para casa...

A genial lembrança foi forçada na cabeça da solicita e bairsta junta da freguesia da cidade Sé — tão solicita e bairsta quanto de elementos radicais nelas se contém.

E para que este melhoramento cidadão não fique apenas acentado por uma teórica aspiração, os radicais elementos da supranunciada junta encostaram-se fraternalmente aos vigários... da igreja, à bispalhada, ao clericalismo, aos conservadores — os quais estão radiantes com semelhante companhia radical. Tão radiantes que até o seu principal chefe do burgo já se subverteu com alguns milhares de escudos.

Pelas paredes afixaram-se atraentes manifestos-convites para que o povo tripeiro accorresse em massa à reunião de domingo — embora o pagode popular tivesse a desconfiança de se fazer brilhar pela sua ausência.

Não havia — nem há — no entanto, razão para isso. A iniciativa tem um aspecto altamente utilitarista: a de resolver um pouco a crise de trabalho que vai pela indústria da relojoeira... estrangeira.

Atenua, portanto, um pouco a mendicidade... dos estranhos. E não nos devemos dar largas ao egoísmo, pensando somente na penúria dos nacionais.

Como todas as ideias, a da colocação do relógio na torre da Sé tem os seus contrários. Estes, não só censuram a religiosa genialidade dos políticos radicais da aludida junta, mas até criticam a obra em si, olhando pelos seus resultados que reputam pouco práticos: primeiro, devido às poucas condições acústicas do local; segundo, porque para se verem as horas tem-se de correr ao largo de São Domingos. E sendo assim afirmam — não vale a pena dirigirmos os raios visuais para a Catedral, porque temos mais próximos os ponteiros da Bolsa que nos puxam menos pela vista...

Não acompanhamos muito o clamor crítico dos maldizentes. Dessejamos até que a junta pensasse em tornar o campanário da catedral da Sé como o de Salisbury (Inglaterra), que tem tantas portas quantos meses tem o ano, janelas quantos dias e pilares quantas horas... Depois nem só os padres é que devem cuidar das casas de Deus confiadas à sua guarda. Os radicais, mesmo amarrados aos negócios duma junta, não podem também auxiliar os haveres sacristães? E claro que pode, e é por isso que nos consta que já se falou mesmo na utilíssima restauração do altar-mór da igreja. Toca a aproveitar a maré...

Bem sabemos que nos atacam com este argumento um tanto pesado: na freguesia da Sé há uma infinidade de farrupilhas que andam com as carnes ao léu, que não possuem um plebeíssimo leito de bancos onde se deitarem ou uma miserável manta com que se cobrirem; na freguesia da Sé há um incalculável número de pariaquitos que agonizam por esses imundos becos — martirizados pela fome e pelas doenças mais cruéis. Essa trintena de contos que vão gastar com o catedralício relógio, não podia ser aplicada no socorro mais urgente às ingentes necessidades duma população miserável, faminta e esquelética?

Nós entendemos que é preciso também alimentar o espírito. Nestas condições quando os habitantes da Sé tiverem a barba a dar horas, aí pelo meio dia ou pelo fim da tarde, saem para a rua a ouvir tocar o carrilhão do futuro relógio da catedral. Empanturam o estômago com trechos de música, e aqueles que estiverem a passar-las, morrem consolados com o acompanhamento dos harmoniosos acordes...

Pobres da má resposta...

C. V. S.

O crime de Oliveira do Hospital

Prefende-se que fiquem impunes os autores da morte do médico Fonseca Gouveia?

COIMBRA, 10. — Circunstâncias, grave-mente comprometedoras para os dois protagonistas da tragédia, se produziram.

Parece, porém, — já naturalíssimo! — que altas influências se movem, no intuito de abafar este crime, que tudo nos leva a crer não ser senão um crime político, maduramente planeado e cobardemente posto em prática, com o único objectivo de destruir uma força que punha em cheque a intangibilidade das sinecuras de certas individualidades bem amezendadas na vida.

As circunstâncias, não obstante, depõem gravemente contra os dois implicados no acontecimento, que alguém procura a outrance fazer passar por inconscientemente produzido.

Na impossibilidade de destruir certos factos que gritam altisonantemente a culpabilidade dos dois professores — influentes políticos do concelho de Oliveira do Hospital — observa-se que se tem procurado ultimamente desviar as atenções da polícia e do público da causa lógica do assassinato — o ódio nascido das divergências políticas — para o ódio em motivos de ordem amorosa. E, assim, inventam-se amores utópicos, rivalidades amorosas, etc. A protagonista desses amores, porém, contra o que eles esperavam, desmanchou-lhes o enredo.

Enquanto a reacção, triunfante em Oliveira do Hospital e em todo o país, enquanto a torva, a vesga, a assassina reacção se preocupa com enredar este caso: esforçemo-nos nós por rasgar o véu em que querem envolver o crime de Alvo.

O crime, sim, que nós estamos plenamente convencidos de que o houve!

Enunciemos alguns factos, que nos conduzem a esta afirmação:

1.º Consta da «Batalha» já revelou, o dr. António da Fonseca Gouveia, médico partidário em Alvo da Várzea, era dotado dum espírito despojeado e rebelde, que o fazia estar sempre ao lado dos humildes, que o idolatravam, e se odiado pelos magnates da região: padres, trunfos políticos, etc.

2.º O próprio clínico tinha a consciência de ser por eles odiado de morte, o que o levava a ter sempre, em sua casa, armas de fogo carregadas, e a não sair à rua senão armado.

3.º Ao nosso informador confidenciário muitas vezes o médico, que tinha a certeza de ser alvo do rancor surdo do professor Carvalho, um dos protagonistas.

4.º O professor Ilharco, pretendendo uma entrevista amorosa, vai de Vizeu, onde ultimamente residia, a Alvo da Várzea, onde habitava o médico que defendia ideias avançadas, indo cuidadosamente munido duma pistola, que depois lhe foi encontrada nos bolsos. Isto, isoladamente, nada prova. Adicionado, porém, a outros factos, constitui motivo para suspeita.

5.º A hora da visita, quando o médico e sua esposa estavam já detidos, é junto com outros factos, igualmente motivo para suspeita.

6.º Já três semanas antes, segundo declaração dum dos depoentes, o Ilharco pretendia mexer na mesma arma caçadeira, precisamente nas mesmas circunstâncias, ao que se opôs o clínico, que não depositava uma ilimitada confiança, pelos vistos, no professor.

7.º Ilharco confessa às autoridades e ao depoente Brito Guimarães ter apontado a arma, não se lembrando de mais nada...

8.º Carvalho corrobora, a princípio esta afirmação, (que viu o Ilharco apontar a arma), o que nega depois alegando que a doença que tem nos olhos lhe não permitiu ver bem como as coisas se passaram...

9.º No seu depoimento, declara a criada que, ocorrendo no momento da detonação, ouviu falar o Ilharco em voz alta e lamentosa e em seguida dizer baixinho quaisquer frases ininteligíveis.

Este facto sugere-nos a seguinte interrogação:

Que teria que dizer em voz baixa um indivíduo que mata involuntariamente um amigo íntimo, e que por este motivo devia naturalmente estar sob a acção duma intensa comoção nervosa que só lhe permitia falar alto?

Com quem falaria o Ilharco? Com o Carvalho? Mas este não estava, como declarou, prostrado com uma síncope?

Carvalho, que no relatório da autópsia se contradiz, deve mentir também quando diz que caiu com uma síncope, nada tendo visto do que se seguiu. As frases em voz baixa, que a criada diz ter escutado, deveriam ter sido travadas entre os dois professores para assentarem em qualquer plano de defesa contra a acção dos investigadores.

8.º Brito de Magalhães afirma que, visitando na prisão o Ilharco, este lhe confessou que as relações entre ele e o morto tinham ultimamente esfriado.

9.º Quais os motivos? Seria interessante averiguar-las.

Das declarações fornecidas à «Batalha» deduz-se que entre Carvalho e o morto havia profundas divergências políticas que explodiram frequentemente em acerbos discussões.

Esta fila de circunstâncias, que tão gravemente comprometem os dois professores, levam-nos a suspeitar firmemente das intenções reservadas dos visitantes noctâmbulos do dr. António da Fonseca Gouveia, partidários do «soba» político daquela região, António Dias, democrático «bonzo», cuja candidatura o extinto havia ferozmente combatido.

O dr. António da Fonseca Gouveia era um espectro que era necessário arredar de vez.

O P. R. P., que tem uma longa história de crimes, encarregar-se-ia de fazê-lo, directa ou indirectamente. — C.

Os transportes da Cruz Vermelha

Durante o mês de Fevereiro os autos da Cruz Vermelha em Lisboa fizeram 381 transportes de doentes e feridos e nos postos de socorro da mesma benemérita instituição trataram-se 1271 pessoas e vacinaram-se 264.

Foram ministrados 136 banhos a pobres. Durante o mesmo mês de Fevereiro, 210 socios pagaram as suas quotas anuais, sendo 91 inscritos de novo.

Um grande desastre

O desabamento dum andaime causou a morte de um operário e ferimentos graves em outros cinco

A gananciosa negligência dos mestres de obras obriga à construção de andaimes sem as necessárias condições de segurança. O resultado é a frequência dos desastres graves por desabamento de andaimes. Agora, um novo desastre veio arrancar brutalmente a vida dum operário e causar sérios ferimentos em mais cinco.

Foi na cerca do hospital de São José, que tem a frente para a rua do Instituto Bacteriológico, ao Campo de Santana. O mestre de obras Bernardino Martins tem a seu cargo a construção dum edificio que se destina ao Instituto de Anatomia Patológica, sendo o encarregado dessa obra José Passos de Mesquita.

Ontem, pelas 16 horas, quando todos se entregavam à sua faina, seguiu pelo andaime do lado da rua do Instituto, a altura do 2.º andar e transportando uma prancha de pedra com 1m,30 de comprimento, o servente de pedreiro Joaquim de Oliveira, de 28 anos, natural de Oliveira do Hospital, e residente na rua Pinheiro Chagas, 60, cave, quando sentiu subitamente que uma das táboas se deslocava e, com esta, abatia o andaime sem que ele e os camaradas que ali trabalhavam tivessem tempo de fugir, sendo por isso arrastados para o solo.

Ficaram feridos, Joaquim de Oliveira, na orelha esquerda e com várias contusões pelo corpo; Manuel da Silva, de 26 anos, natural de Pernes, rua Eiffel, F. O. E. 1.º, pedreiro, e José da Silva, de 32 anos, natural de Coimbra, pedreiro, rua Cardal, a São José, 62, 2.º, feridos na cabeça e contusos pelo corpo; Guilherme Loureiro, de 27 anos, natural de Buarcos, travessa de Santa Quitéria, patio Sarmiento, 11, pedreiro, Carlos Fernandes, de 24 anos, servente de pedreiro, rua Palmira, 9, cave, dt., que ficaram com várias contusões pelo corpo, e Pedro Alves dos Santos, de 23 anos, natural e residente no Cabo Lugar, na Portela dos Olivais, que ficou muito ferido na cabeça.

Acudiram várias pessoas, comparecendo ali, imediatamente, auto-ambulâncias dos hospitais civis de Lisboa e da Cruz Vermelha, nos quais os feridos foram transportados ao hospital de São José, em cujo Banco foram observados pelos drs. José Paredes e Henrique Ruas, e depois de pensados pelo enfermeiro Lourenço recolheram o Joaquim de Oliveira, à enfermaria de São Francisco, Manuel da Silva e José da Silva, à enfermaria de Santo António, por os ferimentos apresentarem maior gravidade, e seguindo para casa Guilherme Loureiro e Carlos Fernandes.

O servente de pedreiro Pedro dos Santos chegou ao hospital já morto, pelo que, depois de verificado o óbito, foi o seu cadáver removido para a Morgue.

Este exemplo trágico não servirá para que os operários exijam maior segurança nos andaimes, castigando como merece a ganância dos mestres de obras?

Um congresso de ferroviários franceses

SAINT-ETIENNE, 11. — A União dos Ferroviários confederados da P. L. M. deve reunir-se em congresso, nos próximos dias 14 e 15 de Março, no qual estarão representados 52 sindicatos. A C. G. T., a união local, as uniões das redes do Estado, do Norte, do Este, do Midi e de companhias pequenas, cujo pessoal esteja confederado, também estarão representadas. As quatro sessões do congresso não serão públicas.

FESTAS ASSOCIATIVAS

O aniversário do Sindicato da Construção Civil de Cascais

Comemorando o 4.º aniversário do Sindicato da Construção Civil de Cascais realiza-se no próximo domingo na sede daquele organismo uma sessão de propaganda associativa, na qual usará da palavra delegados da C. G. T., F. da Construção Civil e associações dos arredores.

A luta na Síria

Os estrangeiros residentes em Damasco vão abandonar a cidade

CAIRO, 11. — Segundo notícias recebidas da Síria, todos os estrangeiros residentes em Damasco foram convidados pelas autoridades francesas a abandonar imediatamente a cidade, em consequência da nova e violenta ofensiva, que pode vir a colocar parte da mesma em poder dos insurretos.

O convite foi motivado pelas atrocidades cometidas pelo chefe druso Amr Mahmed, que ao tomar a cidade de Eiro-natá massacrou milhares de habitantes, como represália pela morte de seu filho às mãos dos franceses.

Combate-se nos arredores de Damasco

BEYRUTH, 11. — No decurso dos combates travados nos arredores de Damasco, os drusos sofreram importantes perdas.

VIDA ANARQUISTA

«O Anarquista». — Para um assunto de transcendental importância e inadiável resolução, reúne hoje pelas 19 horas a Comissão redactorial e administrativa.

OS QUE MORREM

Francisco Viana

Constituiu uma verdadeira manifestação de pesar o funeral do nosso desditoso camarada Francisco Viana. Mais de 800 pessoas acompanharam à última morada o velho militante metalúrgico, aquele que em mais de 20 anos de propaganda soube afirmar as suas invulgar qualidades de revolucionário.

Às 14,30 horas, o cortejo fúnebre pôs-se em marcha, estando nele representados os seguintes organismos: C. G. T., C. S. T., Federações Metalúrgica, Livro e do Jornal, Ferroviária, Construção Civil, e Comité Metalúrgico do Norte. Sindicatos: Metalúrgico, Compositores Tipográficos, Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, Pessoal do Arsenal de Marinha (comissões de melhoramentos e administrativa), Impressores Tipográficos, Mobiliário, Chapelleiros, Construção Civil (Conselho de Secções, Bolsa de Trabalho, Conselho Técnico, Secção Profissional dos Canteiros, Secção Profissional dos Pintores, Comissão Administrativa, Secção Profissional dos Pedreiros, Pessoal Operário da Casa da Moeda e Valores Selados, Sanatório dos Empregados no Comércio, Universidade de Instrução e Educação e jornais «A Batalha» e «O Eco do Arsenal». Enviaram também cartões de pezaes Santos Arranha, Joaquim Rodrigues Castelo, Delfim Silva, António J. Almeida e Saul de Sousa.

No cemitério foram organizados os seguintes turnos: 1.º, Comité Confederal; 2.º, Câmara Sindical do Trabalho; 3.º, Federação Metalúrgica; 4.º, Sindicato Metalúrgico; 5.º, S. do P. do Município; 6.º, Federação do Livro e do Jornal; 7.º, F. Construção Civil; 8.º, S. Pessoal do Arsenal de Marinha; 9.º, Juventude Sindicalista; 10.º, Empregados no Comércio e Federação Mobiliária; 11.º, Federação Ferroviária; 12.º, F. C. Couros e Peles; 13.º, amigos particulares.

No cemitério fizeram uso da palavra enaltecendo as qualidades do falecido: Silva Campos, pela C. G. T.; Daniel Francisco, pelo S. Construção Civil; Jaime Tiago, pelo S. do Pessoal da Casa da Moeda; Vergílio de Sousa, pela Juventude Sindicalista; Manuel Ferreira da Silva, pelo Sindicato Metalúrgico.

«A Batalha» na provincia e arradoras Pragal

Agua fetida para envenenar a população

PRAGAL (ALMADA), 11. — Neste lugar existe um poço de água de que toda a população se serve, por não haver outro que supra as necessidades. A água deste poço está tão fétida que se torna um veneno para quem a beba. É amarga e tem lixo, havendo quem suponha a existência de um animal morto ou quaisquer detritos. Será bom tornar-se público este foco de peste, para que a Câmara de Almada tenha um pouco de atenção para com a saúde do povo, mandando sanear o poço. A não ser que os vereadores só considerem o povo em tempo de eleições. — E.

Partido trabalhista japonês

OSAKA, 11. — Acaba de ser constituído o partido proletário sob a designação de partido trabalhista agrícola (Rōdō-nōmin-tō). Este partido formou-se da união da Federação Agrária, Federação dos Funcionários, e Confederação Geral do Trabalho, e o seu presidente é o sr. Motogiro Sugiyama, actual secretário geral da Federação Agrária. No programa do novo partido inclui-se a protecção dos direitos reconhecidos às classes trabalhadoras por meio da luta legal e parlamentarista, o seguro de vida para a maioria da nação em condições estáveis e medidas de progresso moral e material do país.

500.000 operários sob uma grave ameaça

LONDRES, 11. — Os sindicatos, representando 500.000 filiados, que se acham ameaçados pelo «lock-out», em virtude de uma pequena minoria de 900 homens se achar em greve, sem terem sido autorizados pela sua organização de classe, ordenaram aos grevistas que regressem imediatamente ao trabalho.

Os patrões deliberaram esperar até hoje o resultado dos esforços dos sindicatos operários, não declarando o «lock-out» já aprovado e em marcha desde sábado último.

AGREMIações VARIAS

Os libertários. — Reuniu-se em assembleia geral extraordinária, registando-se a ausência dos dirigentes do grupo. Foram salutados os srs. Martins Junior e seus companheiros na revolta de Almada. Lavrou-se um protesto contra a atitude da comissão política e dirigentes do grupo, e também se protestou contra as deportações ordenadas pelo governo. Depois de se debater varios assuntos foi aprovada uma moção que defendia a organização dum grupo não partidário até ao regresso de Martins Junior.

Nomeou-se uma comissão administrativa.

ASSINEM Os mistérios do Povo

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No São Luís

O tenor Trantoul

Trantoul é um artista que não pretende tirar efeitos espalhafatosos da sua esplêndida voz. Impõe-se este artista pela maneira honrada como se cinge à partitura, não colaborando como outros fazem, na obra do autor.

Trantoul canta somente o que a sua parte lhe indica. Quem saiba até onde pode ir o *mirabolante aerobático* dum cantor de recursos, regista a fidelidade com que a sua voz interpreta. O maestro escreveu assim, lhe assim canta. Nem mais nem menos. Que importa a Trantoul o agrado entusiástico duma plateia que declina com notas espalhafatosas, que se comove com ternuras estudadas. E, pensa assim: ou se delecta com o público consciente, que compreende o que é cantar uma ópera, o que é interpretar, ou executa para uma multidão a quem a sobriedade do artista é indiferente, e não hesita, segue o caminho que deve seguir, o primeiro.

Além de Trantoul a contralto Dalmonte. Sobria, também, ótima voz, mulher interessante, também fulgurante.

O resto, além do concurso de valimento do barítono Damiani, com a costurada harmonia.

Nogueira de BRITO

O grandioso festival wagneriano no Ginásio

Finda no domingo próximo a temporária musical do Ginásio, realizando ali, o seu último concerto sinfónico, a festa artística, da brilhante Orquestra Portuguesa, dirigida pelo ilustre maestro Fernandes Fão. Esse concerto excepcional será um «Grandioso Festival Wagneriano», abrihantado pelo insigne maestro Emile Cooper que por convite, que gentilmente aceitou, e lhe foi feito pelo maestro Fernandes Fão, se presta a dirigir a 2.ª parte do concerto, cujo programa é o seguinte:

1.ª parte: «O Navio Fantasma», abertura; «Lohengrin», prelúdio do 1.º acto; «Os maestros Cantores», abertura. 2.ª parte: director: Maestro Emile Cooper, «Parsifal», prelúdio. «Prelúdio e Morte da Isolde» (do «Tristão»). «Tannhäuser», abertura. 3.ª parte: «Os maestros Cantores» (canto do concerto de Walther); violino solo, Luís Barbosa «Rienzi», abertura.

Academia de Amadores de Música

Como nos anos anteriores, a Academia festeja, no dia 18 do corrente, o aniversário da sua fundação, com um concerto em que tomam parte alguns dos nossos melhores artistas. Esta festa é conjuntamente uma homenagem aos amadores de música a um dos seus fundadores ainda vivo, o marquês de Borba, a quem a arte dos sons muito e muito deve. Tomarão parte: Dr. Fernandes de Castro, Madame A. L. de Castelo Lopes, Madame Lea Bach, prof. Floriano Rodrigues, Ivo da Cunha e Silva, João Passos, J. H. dos Santos, maestro Fão, Madame M. Amélia Cid, A. Guerreiro, etc., etc.

Conservatório Nacional de Música

No Salão do Conservatório Nacional de Música realiza-se na próxima segunda-feira a 2.ª audição de alunos do eminente professor Alexandre Rey Colaço, com um programa verdadeiramente sensacional.

Noticias

A Companhia Lucília Simões-Erco Braga, representa, amanhã, sábado, pela primeira vez em Portugal, e no teatro de São João do Porto, a comédia de Hannequin e Weber, o «Homem das 5 horas», tradução do nosso colega na imprensa Alvaro de Almeida.

Reclames

Para passar uma noite divertidíssima, não há que hesitar: vai-se às sessões de Maria Vitória, com a admirável revista «Foot-Ball», cujo agrado não tem limites, sendo uma peça que conquista o agrado de toda a gente. Hoje a famosa peça vai à scena, como de costume, em duas sessões e por certo com as enchesitas habituais.

— O amor triunfa, vence e convence. E' o que sucede na peça do Ginásio, «A Banca à Glória» em que, também se desmente o proverbio: «Infeliz ao jogo, feliz nos amores». Estava com sorte o autor de «A Banca à Glória» que, no nosso país, ainda teve a felicidade de dar com José Sarmiento, que traduziu, esplendidamente, a sua obra, e com Palmira Bastos, Gil Ferreira e Henrique de Albuquerque que, magistralmente, lhe interpretam. E para que, no fim, não houvesse nenhum azar, aí está o público aplaudindo entusiasticamente a «Banca à Glória» e enchendo o Ginásio todas as noites.

— Volta hoje a apresentar-se, no Apolo, a Companhia Ilda Sticchini-Rafael Marques. Realiza-se a sua reaparição com a emocionante peça «O Conde de Monte Cristo», drama reflecto de situações altamente dramáticas, interpretando a parte de protagonista da peça o ilustre actor Rafael Marques. A nova temporada que vai iniciar-se sob os auspícios da Empresa Ruas, e no decurso da qual se apresentarão várias peças, segundo as exigências da ampliação do repertório, especialmente obras de género popular, seguindo-se a «O Conde de Monte Cristo» que hoje se representa, será desempenhada com a seguinte distribuição: «Edmundo Dantès», Rafael Marques; «Morrel», armador, Aurélio Ribeiro; «Fernando Mondego», depois «conde de Morcel», Abílio Alves; «Dauglars», Carlos Abreu; «Caderousse», Lino Ribeiro; «Abade Faria», João Calazans; «Alberto Morcel», Octávio Branco; «Maximiliano Morel», João Guerra; «Bertuccio», Henrique Pereira; «Beauchamp», João Calazans; «Marquês de Chateaubrun», Fernando Isidro; «Johns», António Nascimento; «Conde de Villefort», Francisco Sena; «Dantès», pai de Edmundo, Sena; «Noirtier», Achilles Frias; «Gringols», marinheiro, A. Nascimento; «Benedict», contrabandista, António Rodrigues; «Caciano», F. Isidro; «Comissário de policia», A. Rodrigues; «Manuel», encarregado de Morel, Augusto Torres; «1.º carcereiro», A. Torres; «2.º carcereiro», A. Frias; «Mercedes», noiva de Edmundo, Irene Gomes; «Júlia Morel», Mercedes Celeste; «Gertrudes Caderousse», Elvira Velaz; «Pamphilis», taberneira, Elvira Costa.

— Estreiam-se hoje no cinema Chiado Terras os magníficos «films» de arte, «O pequeno Robinson», 6 partes por Jacques Coogan (o garoto de Charlott) «Como elas nos querem» 6 partes por Bebe Daniels e «Os leões têm sede» 5 partes. Segunda-feira estreia do «film» histórico «Isabel Tudor».

— E' hoje que no Coliseu dos Recreios

UM JULGAMENTO

O caso do vapor Sines

Mais uma injustiça que se pretende praticar contra um punhado de trabalhadores. No dia 17 do mês passado devia partir, às 8 horas, o vapor «Sines» seguindo viagem. Na hora do embarque verificou-se que faltavam dois homens da tripulação — pessoa do fogo. Foi avisado disso o comandante do navio, como também foi avisado de que a tripulação via com desagrado — pelo excesso de trabalho a realizar — o fazer a viagem sem que estivessem presentes os dois homens que faltavam. Trazia o comandante mandou sair o vapor, não esperando pelos que não haviam embarcado — dando isto, como resultado, o que é natural, o acentuar-se o desagrado do sempre com verdadeira cordura e correcção. Quando o vapor se encontrava entre as duas torres — do Bugio e de São Julião — preparando-se para sair a barra, diminuiu a pressão devido à péssima qualidade do carvão. Como isto sucedesse, o 1.º maquinista supoz que fosse o pessoal que se houvesse negado a trabalhar e foi logo em seguida conferenciando com o comandante; Quando estavam conferenciando, resolveram mandar chamar o pessoal que não estava de serviço — o qual, vindo ao chamamento, à segunda ponte, pediu ao comandante que voltasse para Lisboa, pois, muito penosos lhes era seguir viagem sem os dois que faltavam: um azeitador e um chegador. O comandante acedeu, o vapor voltou, recebeu os dois tripulantes e seguiu o seu destino sem novidade ou incidente algum.

De volta a Lisboa, ao fim da viagem, o comandante faz participação dos factos a seu modo — dando como resultado esse seu procedimento o serem presos os 14 tripulantes do fogo (quid se encontram há dias no Limoeiro) e que vão responder no tribunal marítimo, na capitania do porto, na próxima segunda-feira, às 12 horas e meia, acusados nove, de insubordinação, e cinco de desobediência...

E, para salvar um comandante que não procedeu bem, procura-se perseguir um punhado de homens inocentes e cumpridores. Estaremos atentos. Vamos ver como são tratados no tribunal os factos que relatamos.

Queixas e reclamações

Despedimento injusto

Os operários João Leonardo e José Anastácio vieram ontem à nossa redacção queixar-se de que, tendo sido admitidos na Câmara Municipal de Lisboa como adventícios, dali foram despedidos há dias pelo fiscal dos cantoneiros José Manuel, do 7.º distrito, sem que qualquer motivo o justificasse.

Argumentaram os reclamantes, os quais desempenhavam funções de calceteiros, que o despedimento mesmo com motivos justificáveis só poderia realizar-se pelo fiscal dos calceteiros e nunca pelo soba José Manuel, o qual cevou assim os seus ódios contra aqueles dois operários e mais três que também foram despedidos.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extração a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cautchu». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Aguila» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Madeira e por via Funchal, e Africa Austral e Africa Oriental, sendo a última tiragem da correspondência ordinária da caixa geral às 13 horas e para as registadas recebe-se até às 11 horas.

Teatro Maria Vitória

Dois sessões
A revista de maior sucesso

FOOT-BALL

O «record» de todos os exitos
Grande triunfo estupendo com o bis das ROSAS
A REVOLUÇÃO DE CACILHAS
e a famosa canção Ó CATARINA

Estão rigorosamente suspensas as entradas de favor

TIVOLI

Telef. II. 5474
SOIRÉE às 8 3/4

A fuga da noiva

comédia em cinco partes com VIOLA DANA a célebre estrela americana

Uma página em branco

superprodução Gaumont em 8 partes com Jack Buchanan e Fay Compton

UMA CINE FARÇA
UMA CINE REVISTA

faz a sua última exibição o maravilhoso illusionista dr. Saa, que naquela casa de espectáculos tem provocado entusiasmo com um trabalho de grande variedade e muito vistoso. Para despedida, o dr. Saa apresentará hoje o seu melhor reportório, o qual deverá fazer sensação. De Costa o homem que brinca com o seu corpo continua em pleno sucesso, causando o maior assombro os fantásticos exercícios que executa. Completam o espectáculo de hoje todas as outras atrações da grande Companhia de Circo, entre as quais se contam o formidável ginasta português Duarte, os três Colins, a grande bailarina inglesa Miss

MARCO POSTAL

Pórtio.—Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Boa Vista.—Temos os Mistérios do Povo em brochura até ao 8.º volume, 90 tomos a 50 centavos; encadernado, 4 volumes a 10 escudos cada. Os restantes serão em breve encadernados.

AGENDA

CALENDÁRIO DE MARÇO

Q.	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 6,53
S.	13	20	27	Desaparece às 18,40
D.	14	21	28	FAZSEDA LUZ
S.	15	22	29	L. C. dia 29 às 10,00
S.	16	23	30	O. M. 7 às 11,00
O.	17	24	31	L. N. 14 às 1,20
O.	18	25		C. C. 21 às 3,15

MARES DE HOJE

Fraimar às 1,26 e às 1,53
Faixamar às 6,56 e às 7,23

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94575
Madrid cheque		2576
Paris, cheque		271,5
Paris, cheque		276,5
Suiza, cheque		289
Bruxelas cheque		19565
New-York, cheque		754
Amsterdão, cheque		279
Itália, cheque		2390
Brasil, cheque		558,5
Praga, cheque		524
Suécia, cheque		276
Austria, cheque		4567
Berlim, cheque		

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Eça Ints.—A's 21—«Rigolotto».
Lecnelm.—A's 21,30—«Amor vence».
Cimúndia.—A's 21,30—«Bancas à glória».
Pellema.—A's 21,30—«Não te melindres Beatriz».
Epilo.—A's 21,30—«O Conde de Monte Cristo».
Brenião.—A's 21,30—«O Pão de Ló».
H. e L. Vitoria.—A's 20,30, 21,30—«Foot-Ball».
Séto Toy.—A's 9,15—«Pom Pom».
Coliseu.—A's 21—«Grande companhia de circo».
Joquim de Almeida.—Animatógrafo.
Cinema (Il Vicente (à Graça)—Espectáculos às 3,30.
2.ª, sábados e domingos com matinees.
Teatro Lette.—Todas as noites. Concertos e divertimentos.

CINEMAS
Tivoli.—Olimpia.—Central.—Códex.—Chado Terceiro.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Tortoise.—Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que uns poucos limas estrangeiros, visto que as limas nacionais «Tour» da Empresa de Limas, não são conhecidas, se apresentem como as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todas as lojas especializadas em artigos de ferragem e de ferramentas.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de A Batalha. Aquele camarada fixou o preço de 1500.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nuncio—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Fisio, mas urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Feie e sílula—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—3 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Extensão e intestinos—Dr. Mendes Belo—2 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Mano—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roza—10 horas.
Ecce e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cenore e radio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Keto X—Dr. Allen Saldaña—4 horas.
Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 24 desta revista intitulada «Los hijos de la calle», de Federica Montseny.—Preço, \$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

Associação de Socorros Mútuos O DIA

Sede—Rua dos Sapateiros, 219, 1.º D.

Convoca a reunião da Assembleia Geral para o dia 15 do corrente, pelas 20 h 12 horas, a fim de se proceder à discussão e aprovação do relatório e contas da gerência do ano de 1925. Caso não possa funcionar por falta de número legal, fica a mesma desde já convocada para o dia 22 do corrente, pelas mesmas horas, funcionando com qualquer número de sócios presentes.

As contas e mais documentos acham-se patentes por espaço de 15 dias, na sede da Associação até ao dia da Assembleia.

Lisboa, 12 de Março de 1926.—O Presidente da Mesa, *Guilherme dos Santos Medeiros*.

Associação de Socorros Mútuos TOMÁS RIBEIRO

Sede—Rua dos Sapateiros, 219, 1.º D.

Convoca a reunião da Assembleia Geral para o dia 16 do corrente, pelas 20 h 12 horas, a fim de se proceder à discussão e aprovação do relatório e contas da gerência do ano de 1925. Caso não possa funcionar por falta de número legal, fica a mesma desde já convocada para o dia 23 do corrente, pelas mesmas horas, funcionando com qualquer número de sócios presentes.

As contas e mais documentos acham-se patentes por espaço de 15 dias, na sede da Associação até ao dia da Assembleia.

Lisboa, 12 de Março de 1926.—O Presidente da Mesa, *Eugénio Braz dos Santos*.

Associação de Socorros Mútuos CAMARA PESTANA

Sede—Rua dos Sapateiros, 219, 1.º D.

Convoca a reunião da Assembleia Geral para o dia 17 do corrente, pelas 20 h 12 horas, a fim de se proceder à discussão e aprovação do relatório e contas da gerência do ano de 1925. Caso não possa funcionar por falta de número legal, fica a mesma desde já convocada para o dia 24 do corrente, pelas mesmas horas, funcionando com qualquer número de sócios presentes.

As contas e mais documentos acham-se patentes por espaço de 15 dias na sede da Associação até ao dia da Assembleia.

Lisboa, 12 de Março de 1926.—O Presidente da Mesa, *Carlos Felix Antunes*.

Associação de Socorros Mútuos

CARLOS CALDERON

Rua do Olival, 3 s.º loja

Convoca a assembleia geral a reunir no próximo dia 19 do corrente, pelas 20 horas, para se proceder à leitura, discussão e votação do Relatório e Contas da gerência de 1925, e Parecer do Conselho Fiscal. Não reunindo número legal de sócios, fica a mesma convocada para o dia 28 do corrente, pelas 13 horas, no mesmo local e para o referido fim. Estão patentes os sócios as contas e documentos respectivos.

Lisboa, 11 de Março de 1926.—O Presidente da Mesa—*Francisco Borges Frazão*.

ARTIGOS ELECTRICOS

Novas tabelas com preços actualizados

CASA PALISSY GALVANY

Rua Serpa Pinto, 15

Fábrica de Pregaria

precisa de broxeiro.—Tra-

ta-se na rua da Madalena, 62.

CONSELHO TECNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantinarias e marmores de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

A CURA DAS DOENÇAS PELAS

PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

FERRAGENS E FERRAMENTAS
CUTELARIAS E TALHERES
LOUÇA ESMALTADA
GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS
REDE E PREGARIA

Telefone C. 2890

VIANA, REIS & NUNES, L.ª

Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralheiros, etc., etc.

FOLES, VENTONHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

“A RÁPIDO”

Oficina mecânica de conserto de calçado

Economia, rapidez e perfeição

Recebem-se nas: R. Eugénio dos Santos, 117—R. Eugénio dos Santos, 36—R. do Amparo, 2—R. do Arsenal, 124—R. dos Fanqueiros, 32—R. Braamcamp, 10-B—R. da Prata, 279.

Companhia dos Caminhos

de Ferro Portugueses

SERVIÇO DE SAÚDE

Concurso para farmacêutico preparador

Perante o Serviço de Saúde desta Companhia está aberto, por 30 dias, a contar da data deste anúncio, o concurso documental e de provas práticas do lugar de farmacêutico preparador com o vencimento fixo de Esc. 140500 ou 160500 mensais e subvencão temporária de 625500 ou 700500 mensais, conforme os documentos apresentados pelo candidato, e as regalias inerentes à sua categoria como funcionário da Companhia.

Os candidatos deverão apresentar documentos autênticos da sua idoneidade profissional e moral e quaisquer outros comprovativos das suas habilitações literárias ou científicas e dos lugares que tenham desempenhado, certidão de idade que prove terem mais de 21 anos e menos de 34, certificado do registro criminal e documento comprovativo de terem satisfeito as leis do recrutamento militar.

A nomeação será tornada definitiva findos seis meses de serviço efectivo, com boas informações.

Todos os outros esclarecimentos que os candidatos desejem obter serão prestados na sede do Serviço de Saúde, em Santa Apolónia, todos os dias úteis, das 10 às 17 horas.

Lisboa, 5 de Março de 1926.—O Director geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

DIVISÃO DE MATERIAL E TRACÇÃO

Admissão de pessoal

FREZADORES

Admitem-se nas oficinas desta Companhia. Para tratar dirigir-se ao escritório das Oficinas Gerais, em Santa Apolónia.

Lisboa, 3 de Março de 1926.—O Director geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

Pedras Metal Auer

para isqueiros, assim como rodas e molas, vendem-se no

Lata, do Conde Barão

Uma dúzia, \$40; 1 cento, 2\$80; mil, 25\$00

Largo do Conde Barão, 55

SALVADOR BARATA, L.

Fabricantes dos Alvaides marca

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

FATOS
completos e sobretudos

em bom cheiro com bons forros e bom acabamento, para homem desde 16 até 30 anos. Impermeáveis para homem com cinto e capuz: 129\$00

Em olendo, castanho, 149\$00

Duas faces gabardine e oco para vestir dos dois lados, cores, preto e bege: 245\$00

Duas faces para vestir dos dois lados, castanho e bege, em lã: 425\$00

Em gabardine preta de lã, páraio de oficial de marinha: 380\$00

Imitação de canuça e cabedal, modelo para automóvel: 400\$00

Impermeáveis para senhoras com cinto e capuz: 129\$00

Em lã: 225\$00

Descontos para revenda

Para a provincia remetemos catálogos com amostras a quem pedir 170, Rua da Boa Vista, 172 Rua do Amparo, 36

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios

Galvanoplastia..... 18\$00

Motores de explosão..... 20\$00

Navegante..... 16\$00

Cimento armado..... 25\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções..... 16\$00

Alvenaria e Cantaria..... 13\$00

Edificações..... 13\$00

Encomendamentos e salubridade das habitações..... 13\$00

Materiais de construção..... 20\$00

Terraplenagens e alicerces..... 13\$00

Trabalhos de Carpintaria..... 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas..... 20\$00

Fogoeiro..... 16\$00

Formador e estucador..... 12\$00

Fundidor..... 13\$00

Indústria alimentar..... 12\$00

Indústria do vidro..... 12\$00

Elementos gerais

Algebra elemental..... 13\$00

Arithmetica pratica..... 15\$00

Desenho linear geometrico..... 12\$00

Elementos de electricidade..... 30\$00

Elementos de fisica..... 12\$00

Elementos de Mecanica..... 12\$00

Elementos de Modelação..... 16\$00

Elementos de Projecções..... 12\$00

Elementos de Quimica..... 12\$00

Geometria plana e no espaço..... 13\$00

Fabricante de tecidos..... 13\$00

Mecânica

Tornelino e Frezador mecanicos..... 15\$00

Desenho de máquinas..... 25\$00

Material agricola..... 13\$00

Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor..... 13\$00

Problemas de máquinas..... 16\$00

A' venda na administração

de “A Batalha”

Cartilha do homem do povo..... 5\$00

Programa agricola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofort..... 5\$00

O que é ser socialista, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha..... 5\$00

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva..... 1\$00

Cartas politicas, por João Chahas, diversos números, cada exemplar..... 1\$00

A Humanidade, por Taraf Javol..... 1\$50

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin..... 2\$00

Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchofner..... 2\$00

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série..... 2\$50

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva..... 2\$50

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas..... 3\$00

A Religião da Humanidade, por José Augusto Correira..... 3\$50

A Filologia perante a História, por Nobre França..... 5\$00

Edições de “A Sementeira”

Práticas neo-malthusianas..... 5\$00

O sentido em que somos anarquistas..... 3\$00

A peste religiosa..... 4\$00

A Liberdade..... 5\$00

A Internacional (música e letra)..... 3\$00

Pedidos à administração de A Batalha ou no Cais do Sodré, 63

Por Rodolfo Rocker. Fogo de escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkimof. Preço 1500.

Sindicato Unico Mobiliário
Previnem-se todos camaradas que têm bilhetes para a festa de Antonio Nunes Canha para virem prestar contas o mais depressa possível.